

RESENHAS

Retratos do Front

Vitor Izecksohn

Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai, Memórias e Imagens*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003. 254 p.

A Guerra do Paraguai (1864-70) constitui um marco na história do Brasil. Foi a primeira campanha militar a mobilizar várias regiões do país num esforço comum. Ela contribuiu para a construção da identidade nacional, ao acelerar a produção de imagens patrióticas, além de reforçar o sentido de outros símbolos já existentes, como o hino e a bandeira. A memória da guerra também foi perpetuada em monumentos e na nomenclatura de logradouros de várias cidades brasileiras, nos quais o Estado depositou a memória cívica da população nas décadas que se seguiram ao final das hostilidades.

O conflito opôs o Paraguai, governado por Francisco Solano Lopez, à Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e o Uruguai, na mais longa e sangrenta confrontação militar já ocorrida na Amé-

ca Latina. Em muitos aspectos foi uma guerra moderna, na medida em que os combatentes testaram novas armas e algumas inovações estratégicas. A campanha contra o Paraguai também viu a introdução do uso de uma invenção então recente: a câmera. Esse foi o primeiro conflito militar na América do Sul a ser registrado por fotógrafos, militares ou profissionais, que acompanharam as tropas por mais de quatro anos. Pioneiros como George Thomas Bate, Javier López, George Alfred, Esteban Garcia, Pedro Bernadet e alguns outros, cuja identidade permanece desconhecida, forneceram as imagens que documentam o conflito.

Fotógrafos não foram os únicos artistas a deixar uma impressão visual da Guerra do Paraguai, que foi o evento mais registrado na América do Sul até aquela época. Jornalistas, desenhistas e litógrafos, um pequeno exército de correspondentes de guerra, fizeram a crônica de algumas das campanhas, satisfazendo o

desejo do público por informação de primeira mão. Pelo menos um deles, o pintor e desenhista Cândido López, que servia no exército argentino, foi ferido em combate. As informações produzidas no front permitiram a outros profissionais na retaguarda a produção de charges e caricaturas, tais como as feitas pelo italiano Angelo Agostini para *Vida Fluminense* ou simplesmente a reprodução de fotografias em gravuras. De qualquer maneira, as fotografias de guerra formaram a base das pinturas históricas que proliferaram nas últimas décadas do século XIX.

O registro fotográfico de campanhas militares surgiu durante a guerra da Criméia (1854-56), mas foi durante a Guerra Civil Americana (1861-65) que alcançou projeção na opinião pública, com a cobertura quase imediata das batalhas, feita por fotógrafos como Mathew Brady e sua equipe. A fotografia desse período não podia captar imagens em movimento. Ela retratava instantâneos dos acampamentos, da vida das tropas ou simplesmente cadáveres. Imagens de batalhas precisavam ser desenhadas, daí a importância da grande revolução ocorrida na imprensa desde os anos de 1850, com a criação de uma imprensa ilustra-

da. Esse ramo do jornalismo alcançou popularidade na Europa e nos Estados Unidos, levando imagens dramáticas e algumas vezes chocantes para a retaguarda nas páginas de jornais como *The London Illustrated News* ou *Frank Leslie's Illustrated Weekly*. Na América do Sul, principalmente em Montevidéu, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, um forte interesse pela informação visual permitiu a expansão desse mercado. Periódicos ilustrados como *El Correo de Domingo*, *El Siglo* e *A Semana Ilustrada* alcançaram um alto nível de qualidade tanto no que se refere às ilustrações quanto às possibilidades de impressão e reprodução. A eles viriam se juntar, no decorrer das hostilidades, os paraguaios *Cabichui* e *Centinela*.

As imagens da Guerra não figuraram com destaque nas coletâneas sobre a fotografia no Brasil e foram raramente mencionadas nos trabalhos publicados sobre a imprensa durante o período monárquico, com a exceção do livro de Nelson Werneck Sodré sobre a História da Imprensa no Brasil. A iconografia sobre a guerra do Paraguai tornou-se objeto de pesquisa acadêmica somente a partir dos anos de 1980, no bojo do aumento do interesse pelo tema, com o surgimento

de dissertações e teses. Alguns desses trabalhos foram publicados, como os estudos pioneiros de Miguel Angel Cuarterolo (no Uruguai) e os livros de Mauro César Silveira e André Toral.¹ Mas esses livros não tiveram a proposta ou as possibilidades técnicas de fazer uma exposição ampla do material existente. Um trabalho dessa envergadura precisaria de patrocínio institucional e suporte financeiro pouco comuns no Brasil.

Através das páginas de *Guerra do Paraguai. Memórias e Imagens* o historiador Ricardo Salles expõe uma parcela importante desses registros visuais. A novidade trazida pelo trabalho de Salles, autor de um livro fundamental para quem queira conhecer o assunto², é o uso do estupendo acervo da Biblioteca Nacional, baseado em pesquisa extensa. Houve coleta também em arquivos de outras instituições e em coleções de outros países participantes do conflito por uma equipe de pesquisadores comandadas pelo autor. São fotos, desenhos, gravuras, pinturas e caricaturas retratando vários aspectos da campanha militar a partir do esforço de guerra imperial: a partida dos voluntários, a vida nos acampamentos, as batalhas, os prisioneiros, a população civil e, por fim, a ocupação e a volta para casa, com os

dilemas que cercaram as comemorações pela vitória e o destino dos veteranos no pós-guerra.

A seleção deu destaque a aspectos normalmente pouco divulgados pela iconografia do conflito, tais como a participação de mulheres e crianças, os sacrifícios impostos à população civil do Paraguai e a participação destacada dos soldados negros (livres e libertos) no desenrolar do conflito. Segundo as palavras do autor trata-se “[...] de um livro de imagens que guiam um texto curto e sintético, convidando o leitor a elaborar sua própria interpretação numa viagem que pode sempre ser refeita aos tempos da Guerra do Paraguai” (página 14).

De fato, o texto, conciso e objetivo, serve como ilustração para as reproduções de cerca de 100 fotografias e 250 gravuras, incluindo charges e pinturas, além dos famosos “cartões de visitas”, que faziam muito sucesso entre os oficiais. Mas a narrativa não se limita a explicar as ilustrações. O texto apresenta também documentação inédita, coletada nos arquivos da Biblioteca nacional, destacando-se trechos de diários e relatórios sobre baixas. É um material fascinante, que apresenta descrições do cotidiano dos acampamentos feitas muitas vezes

logo em seguida às batalhas. Ali aparecem detalhes do dia-a-dia das tropas: como se vivia, matava e morria durante uma guerra longa, travada longe das regiões de origem da maioria dos soldados. São descritas a solidão e a monotonia dos acampamentos, as doenças e o desmazelo resultantes da desorganização militar. Emergem as preocupações, divertimentos e manifestações religiosas de soldados e oficiais. Alguns dos dados sobre baixas são mesmo impressionantes. O autor encontrou um relatório militar que estima que 2% da população brasileira teria seguido para os campos de batalha. Desse coeficiente, entre 50 e 100 mil soldados teriam perecido, a maioria por doenças ou falta de cuidados sanitários. O caso do 1º. Corpo de Voluntários da Pátria do Pará é exemplar. Dos 580 praças e oficiais que embarcaram em Belém, apenas 18 oficiais e 148 praças chegaram a Montevidéu, pouco mais que 25% do contingente original.

Problemas de abastecimento, de dieta e mesmo a desorganização do comando durante boa parte da campanha afetaram a vida desses soldados, retardando a marcha no Paraguai e intensificando os sofrimentos e os incômodos decorrentes da precariedade da vida nos acam-

pamentos. O comércio ambulante fornecia algum alento para aqueles que podiam pagar. Os acampamentos acabaram se convertendo em vilas onde soldados, seus familiares, refugiados e comerciantes interagiam. Salles também oferece uma interpretação madura do papel central desempenhado pelo marquês de Caxias no comando das tropas em operações no Paraguai a partir do final de 1866. Essa visão contrasta tanto com a hagiografia militar quanto com o suposto maquiavelismo através do qual as ações do futuro Duque foram interpretadas por alguns dos trabalhos “revisionistas”.

Apesar da farta apresentação de ilustrações, o texto confere pouca importância ao trabalho de fotógrafos e desenhistas. Pequenas notas biográficas sobre a vida de alguns desses profissionais ou sobre as condições em que trabalhavam teriam tornado o livro mais interessante. Qual o equipamento de que dispunham? Em que circunstâncias eram contratados para retratar a Guerra? Qual o interesse público e o debate que essas imagens suscitavam a milhares de quilômetros de distância? Este último aspecto é mencionado quando o autor discute a exposição das pinturas de Victor Meireles ou de Pedro Américo, mas muito ain-

da precisa ser feito nessa área. Isso não compromete a qualidade do trabalho ou o impacto que fotos e ilustrações continuam exercendo, 134 anos após o final do conflito. A pesquisa de Salles é muito bem-feita e se dirige a uma lacuna grande demais para ser preenchida por uma única iniciativa. Espera-se que novas pesquisas esmiúcem outros detalhes sobre a cobertura da Guerra Grande.

Notas

¹ Miguel Angel Cuarterolo. *Los años del daguerrotipo: Primeiras fotografias argentinas, 1843-1870*. Buenos Aires: Fundación Antorchas, 1995; Mauro César Silveira. *A Batalha de Papel. A Guerra do Paraguai através da Caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996; André Toral. *A Iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: Humanitas, 2001.

² Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai. Escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.